

# Economia criativa, cidades e o futuro do trabalho

» ANA CARLA FONSECA

*Economista e doutora em urbanismo, é diretora da Garrimpo de Soluções e coordenadora técnica do projeto Território Criativo Distrito Federal*

A economia, decididamente, não é mais como era antigamente. Em meio a tantas adjetivações que buscam dar uma resposta a nosso descontentamento com modelos excludentes e insustentáveis, uma delas chama a atenção: economia criativa. Para quem, nos últimos 20 anos, percorreu 180 cidades de 30 países lidando com o tema, não há dúvida: a economia criativa é o modelo econômico dos nossos tempos.

Tempos marcados, como toda fase econômica de envergadura histórica, por uma revolução tecnológica. Foi assim com a revolução agrícola, com a industrial e, agora, com a revolução das tecnologias digitais, que tantos impactos trouxeram às nossas vidas. Impactos sociais (basta ver a avalanche de relacionamentos mediados pelo celular) e até mesmo físicos, como demonstra a neuroplasticidade de cérebros cada vez mais multitarefas e capazes de gerar conexões improváveis, mas com dificuldade crescente de seguir raciocínios lineares e aprofundar debates.

Na economia, os impactos também são evidentes. As tecnologias digitais catapultaram a globalização a níveis jamais vistos. Produtos e serviços circulam em escala planetária e a uma velocidade inimaginável tempos atrás, fazendo com que o que hoje é lançado aqui ou acolá seja visível quase de imediato em outros cantos do mundo. Com isso, os produtos e serviços passaram a ter ciclos de vida cada vez mais curtos e a ser

muito parecidos, em um processo de commoditização da economia.

A economia criativa atua na contramão desse processo. Ela professa que, quando ativos econômicos tradicionais — como capital e tecnologia — são tão facilmente transferíveis mundo a fora, a criatividade se converte no ativo mais diferencial. Não por menos, economias de todos os perfis vêm reformulando suas estratégias econômicas, trazendo a economia criativa para seu centro. Em Buenos Aires, onde os setores criativos (aqueles que têm na criatividade seu diferencial — das artes e cultura à ciência e tecnologia) representavam 9% da população economicamente ativa e 10% do PIB municipal, a meta é chegar a 20% em ambos os indicadores, até 2020. Na China, que, em seu plano quinquenal 2011-15, definiu estar na transição do Made in China para o Designed in China, a economia criativa perpassa todos os eixos estratégicos. Na Colômbia, o Senado aprovou a Lei da Economia Laranja (o apelido dado à economia criativa no país) e, em Montreal, a prefeitura criou há anos o Escritório de Design, cujo objetivo máximo é estimular todos os cidadãos a desenvolverem o olhar da inovação, recorrendo também ao espaço público e às fachadas de empreendimentos comerciais.

Afinal, não há economia criativa alheia a um espaço criativo. Quão mais propício à criatividade — efervescente de propostas e diversidade, de conectividade e abertura à ousadia — for o ambiente, mais nossas

mentes terão acesso a ingredientes diversos para fazer novas receitas e vencer desafios complexos. Paris, que em junho inaugurou o maior câmpus de startups do mundo, a Station F, tem se valido à vontade da inteligência coletiva para reformular seu espaço físico e a dinâmica da cidade, sem perder de vista seu DNA cultural. Empresas também entram nessa lógica. A Amazon, terceira marca mais valiosa do mundo, que receberá, até meados de outubro, as candidaturas de cidades que queriam abrigar sua nova sede (e os 50 mil trabalhadores qualificados que nela atuarão), estabeleceu como um dos critérios de seleção a diversidade cultural, ao lado de questões de mobilidade, da modernidade de sua infraestrutura e de seu manancial de talentos e instituições de ensino.

Porque, afinal, se a economia não é mais como era antigamente, o futuro nem se sabe como será. As fontes mais abalizadas no assunto (Fórum Econômico Mundial, Economist Intelligence Unit e outras) estimam que metade das atividades profissionais será substituída pela inteligência artificial em 20 a 40 anos e que metade do que então existirá hoje ainda não se dá a ver. Mas algo já sabemos: os dois perfis de trabalho mais cobçados do futuro são os de talento criativo e de inteligência social. Excelentes bússolas para pautarmos nossa economia e transferirmos aos cidadãos em espaços vibrantes de estímulos às habilidades do futuro. Porque, se o futuro a Deus pertence, ele ajuda a quem cedo madruga.